

# MULHERES QUE HABITAM A ARQUITETURA MODERNA DE BELÉM:

## OS SILÊNCIOS ENTRE O VIVIDO E O DOCUMENTADO

### WOMEN WHO INHABIT THE MODERN ARCHITECTURE OF BELÉM:

### THE SILENCES BETWEEN THE EXPERIENCED AND THE DOCUMENTED

  **Izabelle Machado**  
Universidade Federal do Pará, Belém - PA, Brasil  
izabellelima@gmail.com

  **Rebeca Dias**  
Universidade Federal do Pará, Belém - PA, Brasil  
rebecabdias@gmail.com

  **Celma Chaves**  
Universidade Federal do Pará, Belém - PA, Brasil  
celma\_chaves@hotmail.com

#### Resumo

A subjetividade do fazer historiográfico é o ponto de partida para direcionar este trabalho às inquietações acerca da ausência da mulher na construção da narrativa historiográfica da arquitetura moderna, mais especificamente explorada a partir da relação existencial e histórica que a mulher tem com o espaço privado, a casa. Assim, a partir dos projetos arquitetônicos residenciais de autoria de Camillo Porto de Oliveira, engenheiro e arquiteto que foi referência na produção de edifícios de linguagem moderna na cidade de Belém, desenvolveu-se uma análise documental que atestasse a presença de mulheres como encomendantes ou habitantes. Para isso, foram selecionadas três residências modernas em Belém, de modo a destacar as vivências daqueles espaços e os aspectos que se estendem para além da materialidade arquitetônica.

Palavras-chave: Belém. Arquitetura Moderna. Mulheres. Historiografia. Documentação.

### Abstract

*The subjectivity of historiographical work is the starting point to direct this work to concerns about the absence of women in the construction of the historiographical narrative of modern architecture, more specifically explored from the existential and historical relationship that women have with the private space, the House. Thus, based on residential architectural projects by Camillo Porto de Oliveira, an engineer and architect who was a reference in the production of modern buildings in the city of Belém, a documental analysis was developed to attest to the presence of women as commissioners or inhabitants. To this end, three modern residences in Belém were selected in order to highlight the experiences of those spaces and the aspects that extend beyond architectural materiality.*

*Keywords: Belém. Modern architecture. Women. Historiography. Documentation.*

## Introdução

### **A inquietante tarefa de reconhecer um legado arquitetônico**

É recorrente que uma manifestação relacionada a um legado arquitetônico, seja qual for, incline-se ao reconhecimento até indulgente do objeto observado. No entanto, ao debruçarmo-nos sobre o ato de conhecer o legado da arquitetura moderna, é imprescindível que um dos principais objetivos seja perceber este legado mediante a noção de aprendizado e de autocrítica social que pode ser compreendida nas entrelinhas (e, às vezes, nas próprias linhas) da construção narrativa da história da arquitetura moderna. Reconhecer os pequenos passos que foram dados desde o último século rumo a uma produção espacial mais consciente socialmente requer a compreensão das desigualdades que atravessaram o que hoje se compreende como arquitetura moderna. Portanto, muitas vezes, o legado desta produção arquitetônica pode ser inquietante.

Aqui, as inquietações direcionam-se à silenciada presença das mulheres na produção do espaço privado na arquitetura moderna, uma vez que o período no qual se construiu a identidade desta arquitetura está relacionado tanto a mudanças na posição social da mulher (direito a voto, entrada no mercado de trabalho) quanto a um intenso - e até reforçado culturalmente - vínculo da mulher com o espaço privado, relacionado às atividades domésticas.

Tal percepção guia este trabalho para uma análise da historiografia como uma ferramenta metodológica que alcance a desconstrução do contexto de produção e dos atores envolvidos na produção arquitetônica, para, assim, identificar onde estariam as mulheres nesta narrativa da história da arquitetura. Com esta finalidade, compreende-se a relevância da perspectiva humanizada na análise historiográfica, pois é levando em consideração as subjetividades que se viabiliza uma análise da história da arquitetura moderna que perpassa pelas vivências da mulher.

Esse olhar desconstruído se lança, essencialmente, ao contexto da produção arquitetônica de residências referentes ao processo de modernização em Belém do Pará no período de 1949 a 1960, cujo acervo pertence ao Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (Lahca), vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA). Assim, este trabalho propõe-se a elucidar a presença das mulheres na arquitetura moderna residencial em Belém, a partir de uma pesquisa documental.

## **A trama da dominância masculina na historiografia da arquitetura e a sua desconstrução**

Nas circunstâncias daquilo que posteriormente se caracterizou como a arquitetura moderna na história da arquitetura que se conhece hoje, esteve imbricado um processo de seletividade historiográfica, a qual não se construiu senão em detrimento das outras diversas narrativas que não conseguiram ampliar o fechado núcleo de produção da historiografia desse período. Sob a perspectiva de Vidler (2011), pode-se apontar que a escrita da história sobre a arquitetura moderna, foi construída em seus cânones fundacionais, de maneira simultânea à produção edilícia a qual se referia, o que também denota o caráter parcial e incompleto das análises realizadas.

Ressalta-se que muitos arquitetos que acabaram por ser exaltados nas narrativas históricas tidas como canônicas, partilhavam do trabalho de mulheres que contribuíram para a formação da identidade das obras desses homens e que, no entanto, não foram incluídas como coautoras. Somente a partir do distanciamento temporal, em um movimento de historicização da arquitetura moderna, de sua revisão e análise, é que foi possível apontar a intencionalidade por trás da escrita da história do movimento moderno, a qual, na perspectiva de Vidler (2011, p. 22), autores como Giedion e Pevsner haviam tentado escrever de um modo partidário, senão propagandístico. Essa análise sobre o autorreferenciamento da arquitetura moderna permite compreender que aquela narrativa historiográfica foi produzida por

poucos e para poucos. Observa-se, ainda, a contradição apresentada pelo movimento moderno, que buscava a ruptura com a tradição, mas que não incluiu as mulheres que representavam essa ruptura ao se tornarem profissionais da arquitetura.

Daniela Laurino (2018) reforça que “não existe cultura sem a mulher, também não existe história sem a mulher; a história da arquitetura não é uma exceção a esta norma” (LAURINO, 2018, p. 7) e foi apenas a partir da absorção dos debates provocados pelos movimentos feministas nos campos da pesquisa (LIRA, 2016), em particular em história da arquitetura, que as discussões sobre o lugar da mulher encontraram seu lugar em questões levantadas por novas propostas metodológicas de análise da arquitetura, de ponto de vista mais aproximado às questões sociológicas. Como tal, a análise desenvolvida por Tafuri (2011) parte de uma perspectiva sobre os modos de produção e do trabalho e indica a necessidade do desmonte do objeto de análise. Assim sendo, as circunstâncias das partes podem ser analisadas individualmente e o objeto pode ser remontado e criticado conforme suas próprias circunstâncias socioeconômicas e espaciais.

5

Quando se trata de observar a análise da fragmentação do objeto de estudo, Tafuri (2011) indica que o único parâmetro válido para recompor o objeto desconstruído é o emaranhado de informações entre o trabalho intelectual e as condições de produção daquele objeto. A partir desse procedimento de fragmentação-reconstrução haverá uma consequência, que também é o objetivo do método: o conhecimento sobre a história da arquitetura poderá então se associar à história geral do trabalho como um capítulo particular, cumprindo sua função analítico-social (TAFURI, 2011, p. 21).

Decerto que o autor não direcionava seu olhar para a participação das mulheres dentro da produção arquitetônica ao desenvolver sua proposta, no entanto, Tafuri acaba por abrir caminho para a análise da perspectiva de gênero quando infere sobre a necessidade de atenção às funções da linguagem arquitetônica, e de observar-se tanto os fatores linguísticos da arquitetura como os extralinguísticos – suas circunstâncias de elaboração e construção (TAFURI, 2011).

Só se rompeu o silêncio dos historiadores devido às grandes pressões advindas da soma de fatores que colocavam as mulheres em novos patamares sociais, resultando em conquistas dos movimentos feministas tais como a entrada maciça no mercado de trabalho e na vida acadêmica (RAGO, 1995). Conforme se apresenta a reflexão acerca do apagamento da mulher dentro da historiografia de forma geral, mais se destaca a característica da subjetividade na construção das narrativas historiográficas, uma vez que “a História não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história” (RAGO, 1995, p. 81).

Quando a crítica da historiografia chega à investigação do fator subjetividade, Marina Waisman destaca que “Todo ser humano existe em um meio sociocultural que constitui o quadro obrigatório de seu pensamento” (WAISMAN, 2013, p. 47) e que, assim, deve-se aceitar que certo grau de subjetividade haverá em qualquer produção histórico-crítica, pois, na condição do autor, existe um “momento” único daquele sujeito. Por isso, a pertinência do olhar sobre as mulheres na historiografia da arquitetura moderna se dá à medida que se analisa o processo da construção historiográfica.

O mergulho nas facetas da análise de fragmentação proposta por Tafuri (2011), possibilita compreender de que maneiras o discurso historiográfico tradicional esqueceu as mulheres que fizeram e fazem parte da identidade construída para a arquitetura moderna. As dinâmicas econômicas e sociais que se entrelaçaram no início século XX realocaram as mulheres na sociedade e só uma análise que abarque esses precedentes poderá manifestar a perspectiva de gênero na história da arquitetura moderna. Certamente as mulheres estiveram lá, fizeram parte dos aspectos extralinguísticos da arquitetura moderna, tenha sido como arquitetas invisibilizadas, comumente colaborando com os tão aclamados profissionais da época, ou mesmo como clientes, como “donas de casa”, mantendo um vínculo imbricado com a vivência e com a produção do espaço privado, e é neste último aspecto que se aprofundará esta análise.

## Espaço privado como o espaço existencial da mulher

A História da Arquitetura, quando pautada em investigações de gênero, lida apagamentos profissionais no campo da arquitetura. Esse fator é imprescindível para engajar a construção de novas referências e fomentar a diversidade na prática arquitetônica. No entanto, o apagamento das mulheres em relação à história da arquitetura vai além desta lacuna profissional (que é previsível, já que a arquitetura é um campo masculinizado desde seus primórdios), e alcança até mesmo o espaço vivenciado e administrado tradicionalmente pelas mulheres, a casa. A gama de informações sobre o usufruto do espaço privado em relação às atividades histórica e culturalmente discernidas por gênero continuam sendo esquecidas mesmo em face do vínculo até antropológico que liga as mulheres a tudo aquilo que se refere ao que é interior.

Em oposição ao espaço público, de pertencimento e liberdade conferidos ao homem, está o espaço privado, mais claramente, o símbolo maior do espaço privado que é a moradia, o lugar que, ao mesmo tempo, segrega a mulher da sociedade e é tradicional e praticamente exclusivo dela. Zaida Muxí Martinez (2018) caracteriza a casa como o elemento básico de abrigo das pessoas e o módulo primordial da formação dos tecidos urbanos, sendo a base das configurações das cidades. Porém, quando se observa o ato existencial do habitar, Pallasmaa indica que este consiste na maneira primária de alguém se relacionar com o mundo. Esta relação simbiótica faz com que espaço e habitante se acomodem um à existência do outro, fazendo com que o espaço habitado seja uma extensão do indivíduo, repleto de exteriorizações da sua existência, tanto física quanto mentalmente (PALLASMAA, 2017, p.7-8).

Primitiva, a casa é o lugar zero, de onde partimos, para onde voltamos, a simbologia uterina que se tem com a casa reflete diretamente a imagem da mulher como fonte da vida humana, a Mãe. Esta relação maternal com o abrigo, mas sobretudo, as divisões de atividades sociais tradicionalmente diferenciadas entre homens e mulheres, faz com que, desde muito cedo, as mulheres apresentem maior familiaridade com o que é interior.

Ao direcionar-se a um projeto arquitetônico residencial, é importante que se tenha em mente que o próprio conceito de “casa”, convencionado atualmente, foi construído de forma idealizada e metafórica a partir da experiência do homem, a qual se dá de forma parcial, externa e passageira (MARTINEZ, 2018, p.47). A própria noção de “lar doce lar” remete a um lugar de descanso e prazer, no entanto, para as mulheres a casa não é um lugar de desfrute, não haveria como ser um local de descanso no fim do dia, uma vez que a casa é, para a mulher, um ambiente de trabalho e confinamento, “é o lugar da obrigação, do cumprimento do papel de gênero” (MARTINEZ, 2018, p.48).

Nesta percepção da casa, o olhar do homem a objetifica, para ele a casa representa um símbolo de poder e de posse volumétrica, assim, o homem tende a apreciar mais o exterior da casa, a imagem pública que ele deseja dar de si e de sua família (ESPEGEL, 2018). Esse aspecto de análise pode ser observável na realidade do processo de modernização de Belém, a partir da década de 1950, no qual a linguagem da arquitetura moderna passou a representar o poder econômico de novos grupos sociais emergentes naquele contexto (CHAVES, 2016).

A partir dessas relações de poder entre aquele que encomendava o projeto arquitetônico da casa e o projetista, tornou-se natural o ato de designar as casas modernas a partir do nome do cliente, comumente nomes masculinos. Ou seja, o próprio ambiente o qual deveria ser referenciado à mulher devido à sua vivência, não o é, uma vez que a posição de submissão da mulher em sociedade está também relacionada ao poder econômico.

A casa moderna apresenta-se, muitas vezes, apenas como vistosa culminância material de um desejo de distinção, um fato quase dado, em que não estão presentes rostos, nem atos orgânicos. Sobre isso, Guerra comenta acertada e ironicamente, exemplificando a partir do filme “Mon Oncle” (1958), de Jacques Tati, afirmando que aquela obra é uma crítica engenhosa ao burguês

[...] que entendeu muito rápido as formas de exploração e os mecanismos de representação do seu novo status social histórico. As cenas revelam a cada fotograma quem é verdadeiramente o dono da empresa, o dono da casa e da esposa, o dono do dinheiro: um vencedor cujo único objetivo na vida é mostrar ao vencido quem ele é (GUERRA, 2017).

É neste sentido que caminha o imaginário e a concretude da arquitetura residencial moderna. Tendo em vista uma arquitetura de “grife”, em que o nome do projetista é uma insígnia naquele projeto e, sendo este, na esmagadora maioria das vezes, endereçado a um encomendante homem, forja-se um cenário parcial: homens “geniais” produzindo casas modernas para homens “distintos” da alta sociedade, em uma troca fraternal e restritiva; senhores doutores batalhando posições em campo por meio do arrojo programático e escultórico de suas residências.

Camila Gui Rossati (2016) ressalta que, apesar da naturalização do fato de as casas modernas se referirem aos encomendantes na narrativa historiográfica, as informações sobre estes personagens se perdem diante da importância dada ao projetista. Para a autora, isso indica um desejo de criar na narrativa uma autonomia da produção arquitetônica, a fim de guiá-la para a idealização criativa do arquiteto, sobretudo escondendo as relações sociais de consumo que compõem a trama extralinguística da produção arquitetônica.

Ao valorizar-se sobremaneira os aspectos projetuais (que remetem ao arquiteto) e socioeconômicos (que remetem ao encomendante) nessas casas modernas, omitem-se discussões sobre a experiência daquelas casas e, principalmente, sobre os indivíduos envolvidos na vivência da residência. Ao eclipsar essas dinâmicas, reforça-se a ideia de um habitar impessoal, que se dá ao longo de recintos inertes.

Se as casas levam o nome apenas do seu encomendante, onde estariam os outros moradores? Tendo em vista que o espaço privado doméstico é responsabilidade atribuída às mulheres, infere-se que tais moradores “ocultos” são justamente essas mulheres, que operam as casas nos bastidores, mantendo-as vivas e funcionando. E se seus nomes são omitidos nos documentos, perpetuar-se-á a escrita de uma historiografia baseada em uma arquitetura moderna residencial de fisionomia arrojada, silenciosa e masculina.

É o que ocorre com a Casa Moura Ribeiro (1949), projeto encomendado, ao que indicam as pranchas, por Deusdedith Moura Ribeiro, um célebre médico da cidade de Belém. Na coluna social dos jornais, Deusdedith e sua família são citados frequentemente como figuras de grande importância. Eunice (“Ncinha”) Dantas Ribeiro (Figura 1), esposa do médico, era considerada “uma das maiores locomotivas do nosso ‘high society’”. Os jantares oferecidos na casa de Nicinha eram comentados e celebrados. Porém, apesar da notoriedade incontestada de Eunice, não é seu nome que consta no projeto de sua própria casa.



Figura 1- Retrato de Eunice Dantas Ribeiro

Fonte: Jornal Diário do Pará (1985) <sup>1</sup>

Descrição da imagem: Foto publicada em coluna social de jornal.

A presença de Eunice Ribeiro neste trabalho é um exemplo que intenta responder às inquietações que o artigo traz à tona. O fato de este ser um dos primeiros trabalhos que menciona Eunice Ribeiro como parte da história da Casa Moura Ribeiro, relaciona-se à urgência (necessária) de estimular o debate sobre as mulheres que ousaram atuar na arquitetura fora dos espaços que lhes eram estabelecidos pela organização social do período. Além disso, estimula-se também a leitura de uma narrativa da experiência espacial de gênero nessas casas, experiência esta que

1 BERNARDINO Santos. Jornal Diário do Pará, Belém, p.1. Caderno 3. 14 jun.1985. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=644781&pagfis=8381> . Acesso em: 13 jan. 2020

parece silenciada das memórias já construídas sobre a arquitetura moderna local. Por fim, o trabalho parte de uma escolha historiográfica que quebre silêncios, ou seja, que busque entender o espaço arquitetônico e histórico da casa moderna sem perder de vista a intrínseca presença da mulher naqueles espaços.

## O lugar das mulheres na casa moderna e na documentação

O entendimento sobre o usufruto do espaço da casa pelas mulheres está atrelado aos reflexos das relações sociais e familiares na concepção arquitetônica da residência. É buscando visualizar as transformações no modo de vida das pessoas que se torna possível vislumbrar as circunstâncias das atividades desempenhadas pelas mulheres.

Na Belém da segunda metade do século XX, os “bangalôs” ecléticos, até então morada comum dos grupos sociais mais abastados da cidade, pareciam cada vez mais tornar-se anacrônicos para as novas necessidades funcionais e simbólicas de uma nova elite liberal em ascensão naquele momento (médicos, advogados, comerciantes de castanha-do-pará etc.). Neste sentido, as linhas e soluções da arquitetura moderna, iam ao encontro desses novos desejos pulsantes, pois traziam consigo aspectos que diferenciavam aquela elite em relação a outros grupos sociais (CHAVES & DIAS, 2015). A arquitetura moderna, portanto, representava uma atualização do modo de morar.

Porém, esse novo repertório estava longe das condições materiais e culturais locais da época, pois, ainda, que houvesse uma patente atualização de formas e soluções, ainda era possível visualizar “resquícios” de um tempo anterior dentro destes projetos modernos. Esta relação fronteira entre permanências e inovações na arquitetura residencial daquele contexto pode ser visualizada no projeto da Casa Moura Ribeiro (1949) (Figura 2), do Eng. Arq. Camillo Porto de Oliveira. Para Celma Chaves e Izabelle Machado (2021), a concepção da casa

[...] combinava conceitos modernos com tradições da moradia local. Apresentando fachadas assimétricas e dispondo-se de forma regular no terreno, a Casa Moura Ribeiro, localizada no centro da cidade, apresenta volumetria inusual para os padrões arquitetônicos da cidade naquele momento, porém, sem deixar de lado os esquemas compositivos da tradicional organização espacial de uma casa limítrofe, formal e funcionalmente. (CHAVES; MACHADO, 2021)



Figura 2 - Residência Moura Ribeiro  
Foto: Celma Chaves (2019)  
Descrição da imagem: Fachada principal da residência

Uma das permanências observadas na Casa Moura Ribeiro implica na localização dos espaços destinados às atividades domésticas, comumente relacionados às mulheres, os quais encontram-se na porção posterior da casa, fora da vista dos moradores ou visitantes, separando, rigidamente, as atividades de manutenção e cozinha da área social. Tal segregação entre setor social e de serviço era habitual nas casas ecléticas. Todavia, para além da manutenção de uma espacialidade já experimentada em outros tempos, essa solução arquitetônica tangencia um aspecto cultural muito relevante, pois reforça o ônus da segregação, inerente aos papéis de gênero atribuídos às mulheres. Estes fatos levam à consideração de que, até

mesmo em uma residência tida como “verdadeiramente moderna”<sup>2</sup>, ainda conviviam testemunhos materiais e imateriais de práticas e comportamentos “passados”, revelando, assim, a não linearidade dos processos socioeconômicos e culturais que permearam a consolidação da arquitetura moderna em Belém.

Outro indicador de permanências é a presença do quarto de empregada nos projetos modernos (Figura 3). No próprio projeto da Casa Moura Ribeiro, bem como nas outras residências analisadas neste artigo, pode-se apontar com clareza o pequeno cômodo perto da cozinha, comumente acessado pelos fundos da casa. Entre tantas heranças culturais negativas atribuídas às mulheres – nesse caso, em relação às mulheres negras e pobres – está a presença social, até hoje forte, da empregada doméstica, documentada nitidamente nesses ambientes, nos quais pode-se ler, sobretudo, a segregação e a submissão da vivência da empregada doméstica.

13

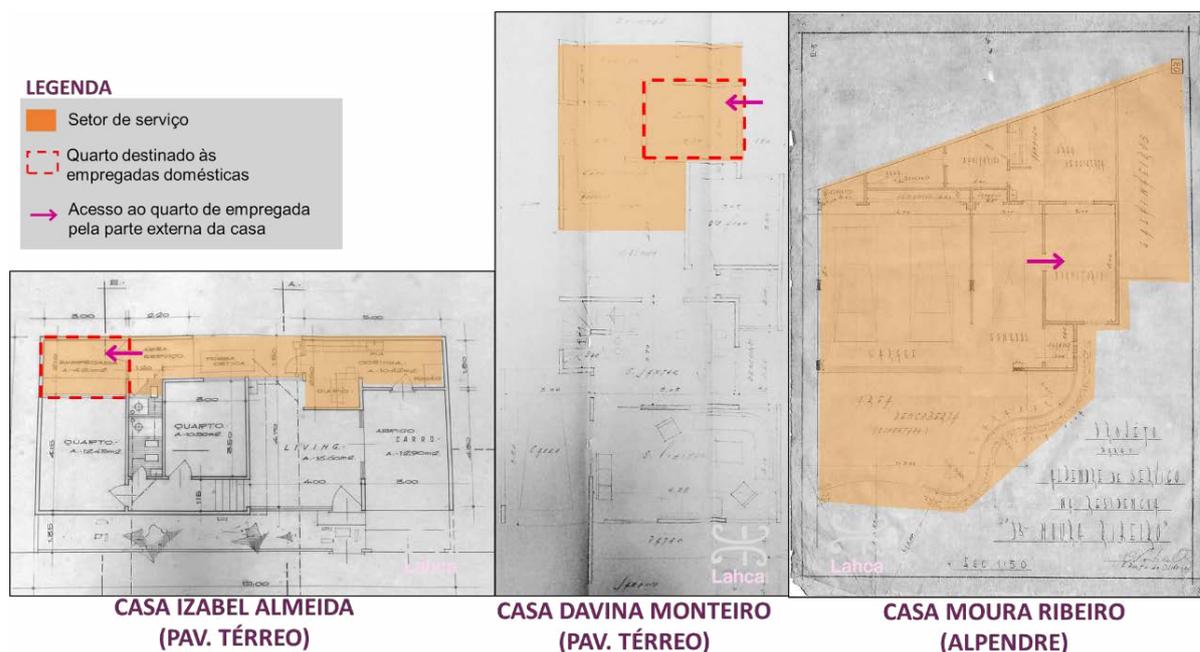


Figura 3 - Plantas baixas das casas Izabel Almeida, Davina Monteiro e Moura Ribeiro

Fonte: Acervo Lahca/UFPA. Elaboração de Rebeca Dias (2021)

Descrição da imagem: Pranchas originais, com indicações de acesso e demarcação do quarto de empregada e do setor de serviço.

2 Segundo Camillo Porto, a Casa Moura Ribeiro havia sido a primeira arquitetura moderna “autêntica” produzida em Belém (CHAVES, 2008, p.155).

Para além da relação de oposição entre homem e mulher, a análise realizada aponta para as transversalidades entre as demais relações de poder em sociedade que se materializam no espaço privado. A documentação do ambiente “quarto de empregada”, traz à luz o registro historiográfico do racismo estrutural e a desigualdade que se mantém na sociedade brasileira até a atualidade. Portanto, é importante deixar transparecer que as vivências das mulheres mencionadas neste trabalho estão inseridas no contexto sociocultural da época e, obviamente, carregam as relações de poder referentes ao seu modo de vida, para além dos aspectos de gênero.

Assim, conforme se verifica a perspectiva de Judith Butler (2003) acerca das possíveis interseccionalidades dos estudos de gênero, previne-se de tentar presumir uma representação de universalidade na identidade do sujeito mulher, até porque, como se verá a seguir, mesmo nos projetos em que as clientes são mulheres, há o cômodo quarto de empregada. Neste sentido, a moradia moderna se revela tanto em níveis excludentes, quanto em níveis exclusivos: exclusivo porque se trata do lugar “tradicional” da mulher; “[...] o lugar da obrigação; do cumprimento do papel de gênero” (MARTÍNEZ, 2018, p.48); o lugar de reprodução do trabalho doméstico. Neste sentido, é também excludente pois segrega a mulher do convívio com a sociedade. Ademais, a casa é o lugar de segregação de mulheres entre si, uma vez que diante da função da empregada doméstica, a casa pode ser observada como um campo onde forças estruturais de desigualdade socioeconômica se revelam.

A dicotomia exclusividade/exclusão também é visível em nível documental, afinal, buscar em pranchas de projeto nomes de mulheres que vivenciaram a arquitetura moderna é uma tarefa com pouco retorno, como se verá no tópico seguinte. Considerando, todavia, o papel que era/é atribuído às mulheres da *high society*, como organizadoras deste meio, buscou-se nas colunas sociais dos jornais esses nomes ausentes (Figura 4). Encontrar o nome de Eunice Dantas Ribeiro nessas colunas implica uma exclusividade, pois, nos jornais, a mulher aparece. Por outro lado, também implica uma faceta excludente, afinal, somente ali, a mulher aparece.

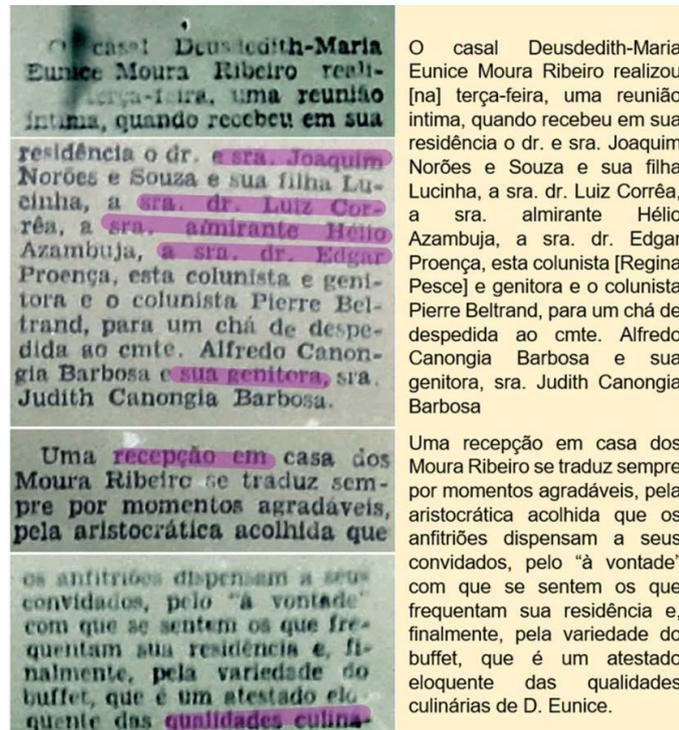


Figura 4 - Recortes de coluna social do jornal "Folha do Norte".

Fonte: Hemeroteca da Fundação Cultural do Estado do Pará – Centur (1958)

Descrição da imagem: Montagem da digitalização de excertos do jornal (com grifo das autoras) e, ao lado, transcrição dos excertos.

15

Nos excertos observa-se a utilização do termo "genitora" para se referir às mães de determinados convidados. Ainda que se tratasse de um termo comumente usado em documentos daquele período, é uma terminologia que traz consigo uma acepção biologizante da mulher-mãe, que é descrita fisiológica e impessoalmente como genitora. Trata-se de um processo de destituição de individualidades, fato este que acaba convergindo com as prerrogativas dos primeiros intentos da arquitetura moderna, de forjar a imagem de um ser humano universal (homem, branco), lido a partir de aspectos biologizantes; de necessidades enumeráveis e funcionais (morar, habitar, trabalhar, circular – de acordo com o *zoning corbusiano*). Conseqüentemente, haveria também um espaço universal; um espaço ideal que permitiria ao ser humano universal se estabelecer no mundo; um espaço que contemplaria suas necessidades funcionais e genéricas. Uma das tentativas arquitetônicas de sintetização dessas necessidades, em espaços coesos e simplificados, foram as Casas Mínimas, ou Espaços Mínimos ("*Existenzminimum*", "*Minimum Dwelling*").

A destituição das individualidades das mulheres não se dá apenas por simplificações biologizantes, mas também por simplificações de caráter socioculturais. Basta ver como elas são apresentadas ao longo do texto: sem nomes próprios (à exceção de Judith Canongia Barbosa). São a Sra. Joaquim Norões e Souza, a Sra. Luiz Corrêa, a Sra. Hélio Azambuja e a Sra. dr. Edgar Proença. Enquanto as mulheres tinham seus nomes próprios omitidos, os homens gozavam da imponência de seus nomes e sobrenomes completos, acompanhados de seus respectivos títulos de distinção. Isto fazia conformar um campo desigual de forças onde doutores, almirantes, comandantes ofuscavam as “sras.” sem nome. Além disso, o posicionamento do nome das mulheres, sempre em seguida ao nome dos homens, reforça uma calculada subjugação destas em relação àqueles; quase como simples acompanhantes.

## **Nomear documentos e existências: a casa Izabel Almeida e a casa Davina Monteiro**

16

Mulheres vivenciaram as casas modernas. Obviedades como essa, curiosamente, são difíceis de pronunciar, pois, não raro, admite-se que a condição dessa pronúncia seja um respaldo documental “oficial”. Os documentos disponíveis sobre arquitetura moderna em Belém pouco amplificam as mulheres arquitetas e usuárias dessa arquitetura. Uma das consequências disso é a continuidade de narrativas historiográficas parciais que, com base nesse silenciamento documental, concordam tácita e equivocadamente que a mulher pouco tem lugar no espaço moderno e, por isso, não haveria problema em omitir suas participações.

Para evitar tais convidativos simplismos historiográficos, sugere-se um raciocínio de estêncil, ou seja, de buscar a forma-síntese a partir do “vazio”. Essa estratégia de estêncil converge com as ideias de Pizza (2002, p. 61), o qual afirma que a ausência de documentos é um índice de extrema relevância, pois revela que parte da história foi suprimida – e toda supressão indicaria uma escolha feita conscientemente por algum sujeito, grupo, instituição, obedecendo a determinado discurso. Assim sendo,

sempre há um objetivo mais ou menos escancarado quando se trata de apagamentos e silêncios na documentação. O documento ausente revela, no silêncio de sua (in) existência, um direcionamento narrativo, ao ocultar eventos, vozes, fatos e provas que possivelmente subsidiaram outras interpretações. A ausência de documentos pode indicar uma história unívoca, implicando, portanto, uma desconstrução.

Neste sentido, tome-se como exemplo o acervo projetual do engenheiro-arquiteto Camillo Porto de Oliveira, disponível no Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (Lahca). De acordo com levantamento realizado em 2021, foram catalogados 99 projetos residenciais (tipologia: casas) de autoria de Camillo Porto. Desse total, apenas 7 projetos são destinados a clientes mulheres. Um raciocínio simplista poderia argumentar que 7 itens, em um universo amostral de 99, é um valor praticamente irrisório, e que, portanto, melhor seria trabalhar com o aspecto que une as 93 obras. Trata-se de uma lógica que enxerga uma minoria numérica como indicador de irrelevância. Porém, o artigo defende que o aspecto que liga essa minoria é igualmente eloquente e precisa ser escrutinado – o estêncil admite que o vazio revela a forma.

Trata-se, portanto, de buscar intensificar esses vazios – existências sistematicamente abafadas. Para isso, é necessário ampliar o olhar sobre os acervos, afinal, documentos possuem em si uma grande plasticidade interpretativa, ou seja, admitem diversos olhares, fato que os distancia de um ponto de saturação de uso. Foi justamente o lançar de novos olhares ao conhecido acervo de Camillo Porto que trouxe as sete casas de mulheres à superfície. São elas:

- Casa Arlete da Fonseca Dias (1952)
- Casa Simy M. Duarte (1954)
- Casa Maria Deolinda (1956)
- Casa Maria Rodrigues (s.d)

- Casa Ida Carmem (s.d)
- Casa Izabel Almeida (s.d)
- Casa Davina Monteiro (s.d)

Note-se que a pouca quantidade destas e a ausência de datação desses projetos não devem ser vistos como silêncios impeditivos. Pelo contrário, são motores para perguntas e respostas sobre a arquitetura moderna em Belém. Reconhecidas essas existências, procede-se a sistematização desse material (base de dados na plataforma Airtable) para, então dar prosseguimento a análises que cruzem aqueles novos materiais com os dados de outras pesquisas, criando assim, novas tramas de conhecimento.

Todas as sete casas foram nomeadas de acordo com os nomes das clientes às quais o respectivo projeto é endereçado. Por questão de extensão do texto, não será possível abordar todas, portanto, foram selecionadas a Casa Davina Monteiro e a Casa Izabel Almeida. Ainda que se desconheça a data dessas duas obras, tais casas foram selecionadas por se tratarem de edificações até então existentes, condição cada vez mais rara entre as obras da arquitetura moderna, as quais vêm sofrendo modificações severas ou demolições (CHAVES; BELTRÃO; DIAS, 2020). Ainda segundo tais autoras, o edifício “de pé”, com suas características históricas e físicas, colocam-no “[...] na condição de documento/monumento, no tempo presente. A obra, assim, apresenta várias possibilidades de leitura, abrindo um vasto campo de interpretação no processo da investigação histórica (CHAVES; BELTRÃO; DIAS, 2020). Abaixo, seguem as investigações detalhadas das casas anteriormente mencionadas.

### **a) Casa Izabel Almeida**

A primeira casa a ser apresentada é uma encomenda de Izabel Almeida. Localiza-se na Tv. 14 de Abril, nº 1674, entre a Av. Gentil Bittencourt e Av. Conselheiro Furtado. Atualmente está sem uso, porém seu estado de preservação e conservação

são razoáveis, pois se mantêm as transparências e a quase totalidade da leitura volumétrica do edifício (que já mudou de uso algumas vezes), exceto pela adição de segundo pavimento. Foram mantidos também o grande painel em pedra e as venezianas da fachada (Figura 5).



Figura 5 - - Fachada da Casa Izabel Almeida.  
Fonte: Rebeca Dias (2022)

Descrição da imagem: Fachada principal da residência de autoria de Camillo Porto de Oliveira.

Seu projeto exibe um programa funcional simples (Figura 6), com apenas 2 quartos, acessados por um desnível interno, este que, na fachada, revela uma hierarquia entre os volumes da casa. A residência conta com um living e um banheiro social. No setor de serviços, observa-se uma copa-cozinha, uma área de serviço que dá acesso ao cômodo denominado “empregada”. O acesso à residência se dá por três vias: uma principal, a partir de desnível, e duas alternativas que se dão pela garagem (atualmente vedada por esquadrias).

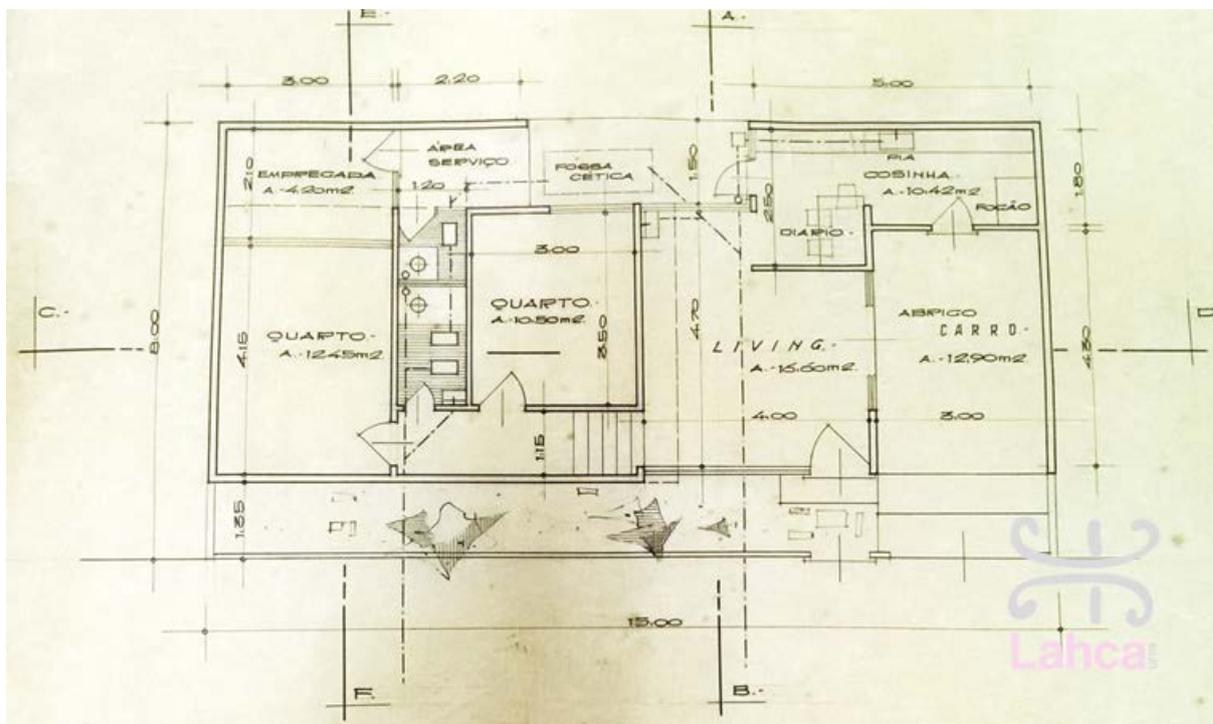


Figura 6 - Planta baixa da Casa Izabel Almeida.

Fonte: Acervo Lahca/UFPA (s.d.)

Descrição da imagem: Projeto original da Casa Izabel Almeida, de autoria de Camillo Porto de Oliveira.

20

Um ponto interessante do projeto é a presença pontual de transparências ao longo da fachada (Figura 7). Ao invés de grandes painéis de vidro, optou-se por balancins como aberturas da casa. É possível inferir que a cliente tenha optado por uma maior privacidade, já que até mesmo no quarto principal, a ventilação é feita por balancins.

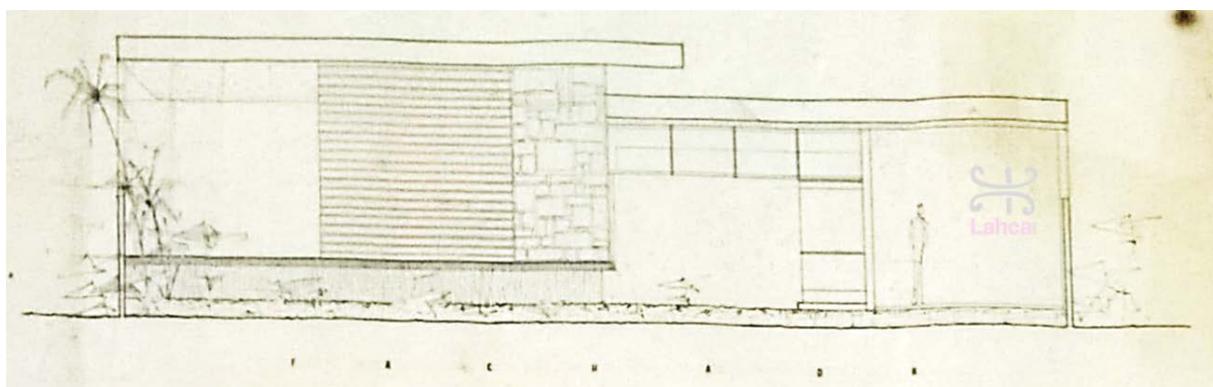


Figura 7 - Elevação da Casa Izabel Almeida

Fonte: Acervo Lahca/UFPA (s.d.)

Descrição da imagem: Projeto original da Casa Izabel Almeida, de autoria de Camillo Porto de Oliveira.

Ainda sobre a fachada, a composição de dois volumes de aspecto ortogonal, cada um deles em um nível distinto, e o painel em pedra intercalado com o reboco liso branco, possibilita supor que se trata de um projeto da década de 1960, período no qual os projetos de Camillo Porto exibem soluções arquitetônicas semelhantes a estas mencionadas, denotando um processo de simplificação formal (DIAS et al., 2017) nas fachadas de seus projetos residenciais.

### **b) Casa Davina Monteiro**

A Casa Davina Monteiro está localizada na Tv. São Francisco, 259, entre Av. Tamandaré e Rua Avertano Rocha. Está sem uso no momento, assim como diversas casas ao seu redor imediato. No segundo pavimento estão dispostos diferentes dispositivos de integração interior-externo, como venezianas em madeira, portas com fechamento em vidro e balcão (varanda). A presença de dois balcões (fachadas principal e posterior) é algo incomum nas casas de Camillo. Ainda no pavimento superior estão dispostos dois dormitórios, um hall aberto e um cômodo sem nome.

21



Figura 8 - Fachada da Casa Davina Monteiro

Fonte: Izabelle Machado (2022)

Descrição da imagem: Fachada principal da residência de autoria de Camillo Porto de Oliveira.

A mescla desses dispositivos garante um interessante jogo de texturas e volumes. Ao comparar a imagem atual da casa (Figura 8) com a perspectiva do projeto original (Figura 9), nota-se que algumas dessas venezianas foram vedadas ou substituídas por esquadrias de alumínio e vidro. Outro detalhe interessante é o painel em pedra ao lado da garagem, o qual se estende para além do volume do segundo pavimento, conferindo uma relação dinâmica entre formas e materiais.

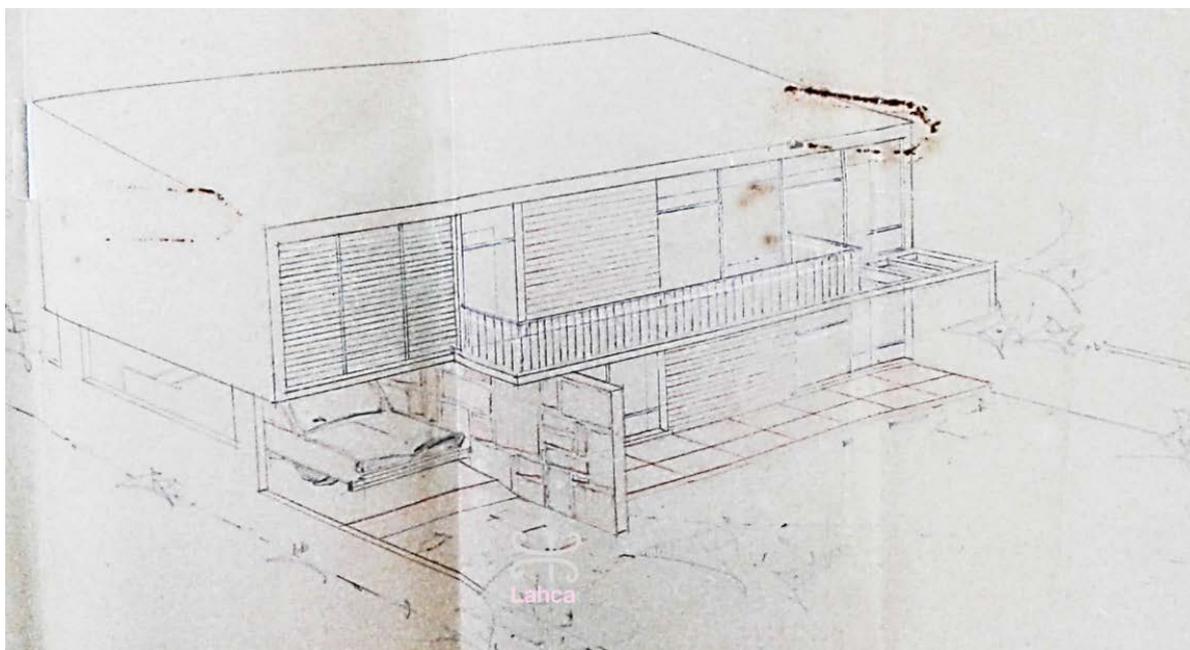


Figura 9 - Perspectiva da Casa Davina Monteiro

Fonte: Acervo Lahca/UFPA (s.d.)

Descrição da imagem: Projeto original da Casa Davina Monteiro, de autoria de Camillo Porto de Oliveira.

O pavimento superior da casa abriga dois dormitórios, um hall aberto e um cômodo sem nome. Há, ainda, a presença de dois balcões/varandas (nas fachadas principal e posterior), algo incomum nas casas de Camillo. Já o pavimento térreo possui um programa mais variado, conforme exibe a planta baixa original, disposta em uma prancha de baixa legibilidade. Dado este último fato, o artigo propôs uma planta baixa redesenhada (Figura 10). Os redesenhos são recursos amplamente utilizados pelo Lahca para a documentação e análise dos exemplares da arquitetura moderna em Belém. Esta atitude de “ler” os projetos originais, realizar seus redesenhos, relacioná-los à outras obras construídas, buscar evidências de transformações e permanências,

possibilita construir uma rota para conhecer, valorizar e possibilitar a preservação da arquitetura moderna (CHAVES; BELTRÃO; DIAS, 2020).

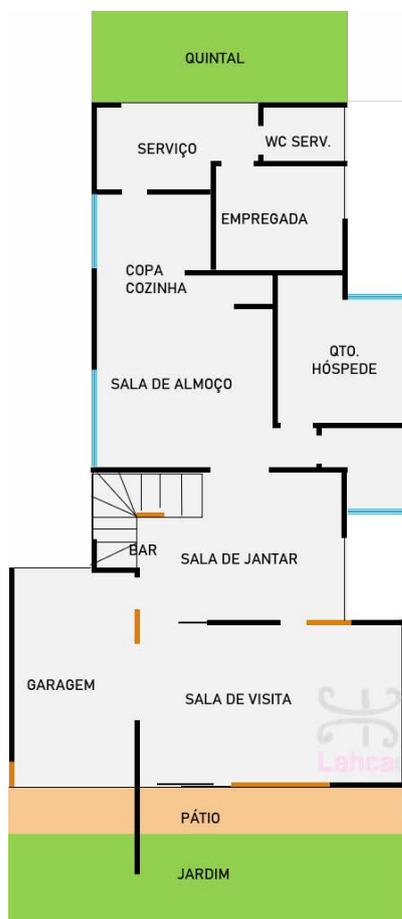


Figura 10 - - Layout esquemático da Casa Davina Monteiro  
Fonte: Acervo Lahca/UFPA (s.d). Redesenho: Rebeca Dias (2021)

Descrição da imagem: redesenho realizado sobre projeto de autoria de Camillo Porto de Oliveira, mantendo a grafia original das legendas.

Conforme observado acima, trata-se de um redesenho mais espontâneo e ilustrativo, no qual prevalece a distribuição de ambientes e proporções. Não há, nesse tipo de desenho, a acurácia métrica das cotas e nem os padrões formais de um redesenho habitual. A variedade de representações do espaço, seja por meio dos traços originais do arquiteto, seja por releituras como redesenhos (todos os tipos) contribuem grandemente para o enriquecimento do acervo documental destas residências, já que cada tipo de documento e suas técnicas subjacentes, partem de objetivos e olhares distintos, e por assim ser, podem ser considerados materiais de grande densidade comunicativa.

## Considerações Finais

As subjetividades são inerentes à escrita historiográfica, de modo que um texto revela as particularidades do seu momento de escrita, bem como as interpretações de mundo daquele que a produziu. Deste modo, ao longo dos séculos, os valores da sociedade patriarcal foram vertidos nas produções historiográficas, ressaltando o gênero masculino em detrimento do feminino. A consciência desta subjetividade permitiu o desenvolvimento desta análise, uma vez que a perspectiva cunhada ao longo do processo de pesquisa decorre de uma conjuntura historicamente mais favorável às inquietações, aos debates de gênero. É preciso destacar que a presença cada vez maior de pesquisadoras no campo da historiografia (vide autoria deste artigo) provoca esse enriquecimento de perspectivas de novas narrativas

A historiografia da arquitetura moderna precisa seguir subvertendo as escritas que dão relevância apenas à documentação numericamente majoritária. Um silêncio documental não é sinônimo de uma existência silente. Mulheres sempre estiveram em condição ativa na arquitetura moderna, ainda que os documentos omitam essas dinâmicas. É especialmente surpreendente notar como essa omissão se dá até mesmo na casa/lar, um espaço comumente atribuído à representação da mulher, de uma forma quase simbiótica.

Tendo como referência os estudos produzidos pelo Lahca/UFPA, desenvolveu-se uma análise historiográfica da arquitetura moderna produzida em Belém a partir de um enfoque de gênero, o que resultou em uma ferramenta de investigação potente no que diz respeito ao combate de desigualdades. Dentro do campo profissional da arquitetura ainda há uma longa jornada pela frente para que a conscientização da importância que a presença da mulher deve ter em todos os aspectos do campo, incluindo o entendimento que se tem do edifício-base da existência humana, que é a casa, cuja identidade geral muito se solidificou a partir dos elementos da cultura arquitetônica que se formou diante da arquitetura moderna.

Conforme a investigação acerca da arquitetura moderna residencial em Belém se estende aos entrelaces das relações de poder e de gênero entre as figuras que contextualizaram esta produção, vão se expondo silêncios documentais. Essas lacunas abrigam vozes imprescindíveis para o desenvolvimento de narrativas historiográficas mais justas, as quais estejam inseridas e referenciem o sistema de desigualdades sobre as quais foram construídas. Voltar-se para o reconhecimento de um legado arquitetônico pode implicar em deter-se nas entrelinhas mais desconfortáveis deste, e o desconforto com o passado provê um futuro de linhas escritas sobre realidades mais diversas.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHAVES, Celma. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], n. 8, p. 145-163, 2008a. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i8p145-163. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44757> . Acesso em: 22 abr. 2021

\_\_\_\_\_; MACHADO, Casas modernas em Belém (PA). Documentação e representação de um novo modo de morar. **RCT Revista Ciência e Tecnologia UFRR**. Edição Especial (2021): Dossiê Documentação do Patrimônio Cultural. v.7. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18227/rct.v0i0.7017>. Disponível em: <https://revista.ufr.br/rct/article/view/7017>

\_\_\_\_\_; DIAS, Rebeca. Documentação e Estudo da Arquitetura Residencial Moderna em Belém (1940-1970). **Anais do Seminário Nacional do Docomomo Brasil**, p. 1-12, 2016.

\_\_\_\_\_; BELTRÃO, Bernadeth; DIAS, Rebeca. A arquitetura moderna em Belém como objeto e documento de investigação: da invisibilidade ao reconhecimento. **Labor e Engenho**, Campinas, SP, v. 14, p. e020016, 2020. DOI: 10.20396/labore.v14i0.8663470. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8663470> . Acesso em: 14 fev. 2022.

DIAS, Rebeca et al. O Percurso da Modernidade Arquitetônica de Camillo Porto de Oliveira: Da Diversidade à Simplificação Formal. In: **II Seminário de Arquitetura Moderna Na Amazônia**, 1., 2017, Belém. Artigos SAMA 2017. Palmas: UFT, 2016. p. 1 - 23.

ESPEGEL, Carmen. **Heroínas del espacio: mujeres arquitectos en el movimiento moderno** – 2ª ed. Buenos Aires: Nobuko: 2007.

FRIEDMAN, Alice. Family Matters: The Schröder House, by Gerrit Rietveld and Truss Schröder. In: FRIEDMAN, Alice. **Women and the Making of the Modern House**. Nova Iorque: Harry N. Abrams, 1998, pp. 64-91.

GUERRA, Abilio. Do vizinho: como Jacques Tati e Michel Foucault podem explicar a boçalidade do novo-riquismo. *Crônicas de andarilho* 10. Drops, São Paulo, ano 17, n. 112.06, **Vitruvius**, jan. 2017 Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/17.112/6383> . Acesso em: 14 de fev. de 2022.

LAURINO, Daniela Arias. **La construcción del relato arquitectónico y las arquitectas de la modernidad: un análisis feminista de la historiografía**. 334 f. Tese (Doutorado). Universidad Politécnica de Catalunya. Barcelona, 2018.

LIRA, José Tavares Correia de. Lugares de gênero em arquitetura: uma aproximação. **Anais do IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em**

**Arquitetura e Urbanismo.** Sessão Temática: Arquitetura, Gênero e Sexualidade. Porto Alegre, 2016.

MACHADO, Izabelle. **A mulher na cultura arquitetônica da modernização de Belém: discursos e práticas entre 1950-1970.** Dissertação (Mestrado), 118f. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2021.

MACHADO, Izabelle; DIAS, Rebeca; CHAVES, Celma. Mulheres que habitam a arquitetura moderna de Belém: os silêncios entre o vivido e o documentado. Anais do **14º Seminário Nacional do Docomomo Brasil**, 2021. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2021/12/Anais-14%C2%B0-Docomomo-BR-ISBN.pdf> . Acesso em 20 fev. 2022.

MARTÍNEZ, Zaida Muxí. **Mujeres, casas y ciudades: Más allá del umbral.** dpr-barcelona, 2018.

PALLASMAA. Juhani. **Habitar.** Gustavo Gili, São Paulo; 1ª edição, 2017.

PIZZA, A. **La construcción del pasado.** Madrid, Ed. Celeste, 2002. p.7-78

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Cultura histórica em debate.** São Paulo: Unesp, 1995. P. 81-94.

ROSATTI, Camila Gui. **Casas burguesas e arquitetos modernos: condições sociais de produção da arquitetura paulista.** 386 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TAFURI, Manfredo. Arquitetura e historiografia. Uma proposta de método. In: SZMRECSANYI, Maria Irene (org.) **Desígnio revista de história da arquitetura e do urbanismo**, n. 11/12, São Paulo, Anablume, 2011.

VIDAL, Celma de Nazaré Chaves Pont. Experiências do Moderno em Belém: construção, recepção e destruição. **VIRUS**, São Carlos, n. 12, 2016. DOI 10.4237/virus\_journal. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=11&lang=pt> . Acesso em: 14 de fev. de 2022.

VIDLER, Anthony, et al. **Historias del presente inmediato: la invención del movimiento moderno arquitectónico.** No. 72. Modernismo. Gustavo Gili, 2011.

WAISMAN, Marina. **O interior da História: Historiografia Arquitetônica para uso de Latino-Americanos.** São Paulo: Escala, 2013. 207 p.

## NOTAS

*O presente trabalho foi originalmente publicado nos Anais e apresentado no 14º Seminário Docomomo Brasil realizado em outubro de 2021.*

## **Agradecimentos**

*Este trabalho só pôde ser realizado graças ao suporte do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – Lahca e todos os seus integrantes, sob a coordenação da Prof. Dra. Celma Chaves, coautora deste trabalho. Nesse sentido, agradecemos ao engenheiro Antônio Couceiro pela doação de grande parte dos projetos originais do engenheiro e arquiteto Camillo Porto de Oliveira ao Lahca/UFGA. Sobretudo, é necessário agradecer o apoio financeiro por meio das bolsas de estudo de pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) cedidas ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFGA (PPGAU-UFGA), que por meio de bolsa de mestrado deu suporte para o desenvolvimento da dissertação que deu origem a esta publicação.*

## **Responsável pela aprovação do texto**

*Celma Chaves*

## **Financiamento**

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.*

## **Publisher**

*Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.*

*RECEBIDO EM: 18/10/ 2021*

*APROVADO EM: 29/11/2021*

*PUBLICADO EM: 31/12/2021*